

Prefácio para rasgar e deitar fora¹

João de Mancelos

O poeta e filósofo libanês Khalil Gibran (1883-1931) argumentou: “Um livro é como uma janela. Quem não o lê é alguém que ficou longe da janela, e só pode ver uma pequena parte do panorama”. Destas palavras, depreende-se que folhear uma obra de poesia seja semelhante a abrir uma janela: arejamos o claustrofóbico mundo onde vivemos; avistamos paisagens emocionais; debruçamo-nos sobre o espírito do autor; inspiramos ideias; expomo-nos a reflexões e sentimentos alheios. Porque um amante da poesia não se limita a espreitar pela janela: pendura-se num verso, salta estrofes, dobra cantos de páginas, aventura-se audaciosamente por estâncias onde até a própria alma parece desconhecida. Ler é sobretudo isto: trocar de lugar com o Outro.

Na era da cibernética, da conquista do espaço, dos mundos virtuais, muitas vezes, um écran de computador constitui, também ele, uma espécie de janela. Ocasionalmente, ao abri-la, no início de cada dia, esvoaçava através desta um poema de Isabel Cristina Pires. Alguns versos já vinham maduros, outros aguardavam ainda a perfeição que o tempo e a técnica tecem. Foram muitas estações, vários anos de pequenas partilhas e troca de ideias a propósito deste ou daquele texto. Esses poemas dispersos da epifania e labor encontram-se reunidos neste livro, *O país das ondas à janela*. Porque já os tinha lido, ainda que numa versão embrionária, vê-los, agora, impressos equivale ao prazer de reencontrar velhos amigos após uma longa ausência.

Quando Isabel Cristina Pires convidou para apresentar esta nova obra, sugeri antes um prefácio que a acompanhasse de forma mais duradoura. Mas seria tal texto realmente indispensável? Recordo uma das cenas icónicas do filme *Dead Poets Society/O Clube dos Poetas Mortos* (1988), realizado por Peter Weir e escrito por Tom Schulman, quando o professor de literatura, Mr. Keating, invetivava os seus alunos a rasgarem o preâmbulo do manual de poesia. A sua intenção era levar os estudantes a pensarem por si, tornando-os independentes da influência escolástica dos mestres. Compreende-se, pois ninguém é dono da interpretação da poesia — nem os bardos, nem os académicos, nem sequer os leitores. Talvez por isso, numerosos prólogos, pórticos, prefácios ou proémios sejam sistematicamente ignorados, sem que a interpretação da obra literária saia lesada.

Embora ciente das limitações de um prefácio, optei por um texto que ajudasse o leitor

¹ Mancelos, João de. “Prefácio para rasgar e deitar fora”. *O país das ondas à janela*, de Isabel Cristina Pires. Coimbra: Palimage, 2013. 7-13. ISBN: 978-989-703-057-4

que só agora contacta com a poesia de Pires a compreendê-la melhor e, conseqüentemente, a amá-la mais. Se estas páginas não cumprirem essa função, peço ao leitor que as rasgue e deite fora, sem sombra de culpa, como jovialmente fizeram os alunos de Mr. Keating.

Nas cartas de marear do mundo antigo, nada aterrorizava e fascinava mais os navegantes do que a expressão latina “terra incógnita”. Esta significava que, a partir de certa latitude ou longitude, só as estrelas e os instrumentos falíveis, os ventos e as marés, a fé e o temor, poderiam guiar os marinheiros. A poesia é também “terra incógnita”, pela sua ambivalência e multiplicidade de significados. Neste contexto, nenhum livro nos desorienta e sobressalta mais do que uma coletânea de versos. Reparem que um poema não nos dá a certeza de um manual de Física; não nos tranquiliza a alma como a Bíblia ou o Corão; não nos transmite a confiança na justiça de um código penal. Pelo contrário, os bons versos perturbam e, mesmo quando são reflexo da época e da mente do autor, transcendem o tempo. A escritora norte-americana Emily Dickinson verificou esta realidade e resumiu-a numa carta a Thomas Higginson: “se leio um livro e este faz todo o meu corpo gelar de tal forma que nenhum fogo pode, algum dia, aquecer-me, então, eu sei que é poesia”.

Tematicamente, este livro de Pires centra-se nos quatro elementos que constituem a matéria, seguindo o pensamento dos filósofos pré-socráticos, que buscavam o princípio ou origem de todas as coisas: água, ar, terra e fogo. No entanto, a compreensão ocidental da natureza e da vida enraíza-se em ideias mais longínquas no espaço e no tempo. Na Babilónia, por exemplo, o mito de criação *Enuma Elish*, escrito no século XVIII a.C., e descoberto em 1849, nas ruínas de Nínive, refere cinco elementos essenciais: mar, terra, céu, fogo e vento. Na antiga China, o filósofo Tsou Yen (305-240 a.C.) acreditava na existência de cinco fases ou agentes para explicar uma série de fenómenos cósmicos e biológicos: madeira, fogo, terra, metal e água. Também os hindus argumentam que quer o corpo humano quer a natureza são constituídos pelos *pancha mahabhuta*: terra, água, fogo, vento e éter. Quando um indivíduo morre, o seu corpo regressa, dissolvido, a estes componentes primordiais, num equilíbrio eterno.

Os poemas deste livro assumidamente telúrico agrupam-se, portanto, em quatro secções que tomam o nome dos elementos clássicos: água, ar, terra e fogo. Subtilmente, o título da obra remete já para estes: *O país* [terra], *das ondas* [água], *à janela* [ar]. Se toda a paisagem pressupõe um espectador para que epistemologicamente seja conhecida, então, o fogo criador e destrutivo reside no poeta ou, com mais pormenor, na sua percepção íntima e singular do mundo. A escrita de Isabel Cristina Pires alicerça-se, portanto, numa paisagem que só existe porque o ser humano a representa, imagina e nomeia, numa apropriação inevitável.

O poema de abertura, uma espécie de súplica entusiástica, descreve os quatro elementos como “Quatro cavalos fugazes da memória, / quatro caminhos para ir e não voltar,

quatro funduras / iguais em toda a gente. / Quatro descobertas da invisibilidade, / quatro deslumbramentos e quatro ondas, quatro / ambulações para além do tempo” (“Os quatro elementos”). Nestes versos encantatórios, quase como uma oração antiga, os elementos são percebidos como universais, porque comuns a todo o ser; por outro lado, apresentam-se como intemporais; ou, melhor ainda, *atemporais*, porque ultrapassam o conceito humano do passado, presente e devir. Esta homogeneidade temática da obra permite, por um lado, criar uma atmosfera que transcende e envolve os numerosos cambiantes; por outro, cada poema liga-se aos anteriores e ilumina os seguintes, permitindo, pouco a pouco, através da repetição de motivos, construir e esclarecer o sentido desta poesia.

A primeira secção da obra é consagrada à água, sem surpresa, pois trata-se de um elemento genésico e essencial à sobrevivência no nosso planeta. “Choveu / durante milhões de anos sem parar. / Fez-se o mar com o sal da terra. // E a vida infetou os sítios, / havidos e por haver, // com as suas enervantes respostas” (“II – O gene egoísta”). Na poesia de Pires, quando a água surge representada pela corrente do rio, simboliza a energia e a liberdade; pelo contrário, quando se trata da superfície de um tanque numa casa rural, repleto de folhas e insetos, suscita a contemplação sobre a morte; já as ondas marítimas evocam a saudade da terra, como parte do ser português: “No meio do mar, algo nos apaga do convés / e nos põe no infinito logo ali. Temos nada nas mãos, / estar no centro do azul é a nossa perda. Precisamos / das casas, dos muros, dos ângulos / invisíveis: é o nosso labirinto feito em terra / que nos dá memória” (“No alto mar”).

Se a água remete para a génese da vida no planeta, na segunda secção do livro, o elemento “ar” origina uma série de meditações acerca da criação espiritual, seja ela de natureza religiosa ou mítica, e da relação entre o ser humano e o transcendente. Como as enigmáticas estátuas da ilha de Páscoa, a poeta contempla o futuro; à semelhança dos Maori, venera o azul, que na língua dos indígenas significa “a pele do céu”; por fim, como qualquer homem ou mulher, desde os primórdios da espécie, cede ao fascínio interrogativo do céu negro e polvilhado de estrelas: “Sempre este mistério a meio da noite: / a presença insana das estrelas / na ferida pura e genial do tempo. / (...) / A meio da noite, o universo / assoma à janela do meu quarto, / e o céu de luzes concede-me este susto, / recorda-me quem sou: um deslumbrado / pó feito de estrelas” (“O universo assoma à janela”).

A secção seguinte do livro é dedicada à terra, entendida como o solo, a natureza ou, em termos latos, o planeta, quando surge grafada em maiúsculas. No poema que inaugura a terceira parte, a poeta entoava uma longa enumeração dos vários cambiantes da terra, um pouco à maneira de Walt Whitman, o bardo da América, nos passos mais eufóricos de “Song of Myself”. Esta enumeração extasiada — que a par da imagem é uma das figuras estilísticas mais

recorrentes na poética de Pires —, culmina com uma identificação entre o sujeito e o solo: “Terra brava, a da pequena visão do olhar. / Terra castanha, fofa e bolorenta / de coisas não-mortas enterradas, / a pele em filigrana de uma areia, o barro / roxo e amarelo de água. Terra / succulenta de cobras e ouriços, / salamandras de óleo e sapos de olhos de ouro. / Húmida tremura enevoadada, albergue / a fumegar de breu. Terra sulcada em gestos / largos, da cor do abandono. / Chão que me olhou uma só vez, / e me fez eu” (“I – O batismo”).

Não raras vezes, Pires assume a causa ecológica, e empreende uma denúncia desassombrosa dos atentados que atualmente fazem perigar a natureza. Tais preocupações perpassam por outros livros da autora, como *Deserto Pintado* (2007), por exemplo, e revelam um espírito vigilante. Num dos textos mais pungentes da obra, referindo-se ao lar de todos nós, a poeta confessa: “Esta é a Terra amada, o meu planeta / errante, a minha casa. Uma bola de oiro como as fadas / onde se ouve um mar que abraça continentes. / (...) / (...) Esta / é a sala de aula, a transição abrupta das janelas, / a paixão, As águas violadas ficam roxas, os rios / cobertos de petróleo. Jorram vulcões / na asma dos subúrbios, e as cidades / infetam o futuro e mordem a noite dos cometas. / Eis o meu planeta errante, a minha casa da infância. / Como hei de amar as suas cicatrizes?” (“III – Esta é a minha terra amada”).

A parte final do livro, sob o signo ora delicado, ora catastrófico do fogo, descerra-se com um poema aureoal, intitulado “O Big Bang”: “O primeiro fogo foi o acontecer / de uma palavra. O aparecer sem tempo. A inexistência, / antes da luminosa luz insaciável. Chamar-lhe / fogo é inventar esse instante, essa fúria / essa fenda bizarra da razão. O tempo / ficou juncado de estilhaços, e o vazio / plástico do espaço encheu-se de sóis em turbilhão / e grandes planetas a iniciar a obediência” (“O Big Bang”). Tal como os restantes elementos que referi, também o fogo assume múltiplos significados e associações. Por vezes, baila o fogo da paixão: “Todos os amores ficaram escritos nesta ardósia / a fogo lento” (“Escrito no corpo”); noutras, evoca as memórias do tempo mágico da meninice: “Todos os dias de lume são a infância” (“Dias de lume”); e, no poema que encerra com tremenda beleza esta coletânea, “A luz”, o fogo do instante confunde-se com a plenitude da existência e com o universo estelar. É como se, no final, o ser humano regressasse do seu exílio às estrelas, onde talvez a vida se tenha iniciado, fechando assim um ciclo: “Somos a luz clara das estrelas, / a luz de sóis enormes, amarelos, irradiantes. / Somos o dia esplendoroso, aberto / e descoberto para sempre: o grão / que existe no pulso errático da vida / e dá às coisas a alegria de ser. / (...) / (...) Somos a vida inteira, / o fogo frio da aurora, para quem a escuridão / é a grande e proibida porta” (“A luz”).

Na Grécia Antiga, os poetas eram os construtores de mitos, concretizados através de lendas que explicavam a origem do universo e da Terra, da tribo e dos heróis, da palavra e da linguagem. Mais do que em qualquer uma das suas obras anteriores, a poesia de Pires aspira a

ser mito, porque inscreve a realidade do quotidiano numa matriz humana imutável, feita de anseios, medos, expectativas, reflexões. Os seus versos podiam ter sido escritos há cinco mil anos e seriam compreendidos; daqui a igual período de tempo serão, na mesma, inteligíveis. A sua paisagem, mesmo quando desolada, é habitada e reinterpretada pela poeta; e a poeta ora é atriz, ora espetadora, mas nunca alheia. Porque Pires atingiu uma fase de sabedoria de vida e de técnica artística que lhe permite aceder ao que de mais profundo pode haver: a *compreensão* (no sentido de *englobar* e *perceber*) do ser humano, no *locus* e na vastidão do tempo. O livro que o leitor tem nas mãos é, pois, o apogeu de uma vocação própria dos grandes artífices da palavra.

Pela sua profundidade semântica e estilística, os poemas de Pires ardem devagar, desabrochando a cada nova leitura, e oferecendo sempre interpretações renovadas. Numa era de facilitismo e errância, não há prazer maior do que *pensar* as palavras. Neste contexto, fecho o prólogo com a sensação de que, como sempre, o inefável transcende o vozeado. Afinal, citando Pires pela última vez, é à janela da poesia que “todo o silêncio / nos entende” (“Agora apetece-me o mar”). Abramos as portadas, de par em par.